

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Santa Cruz

código
AVII-FO7-Mir

localização
Serra da Ventania, com acesso pela RJ-116

município
Miracema

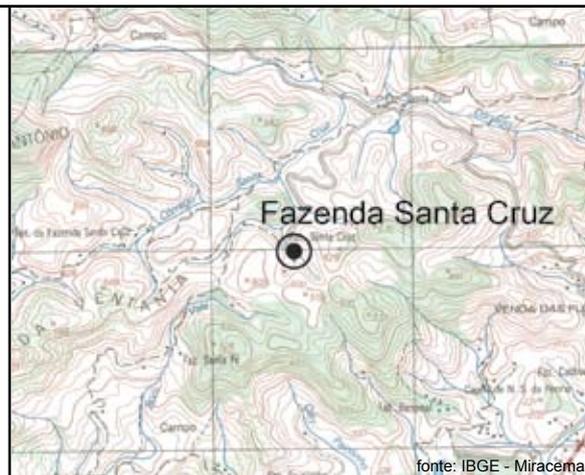
época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária leiteira / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



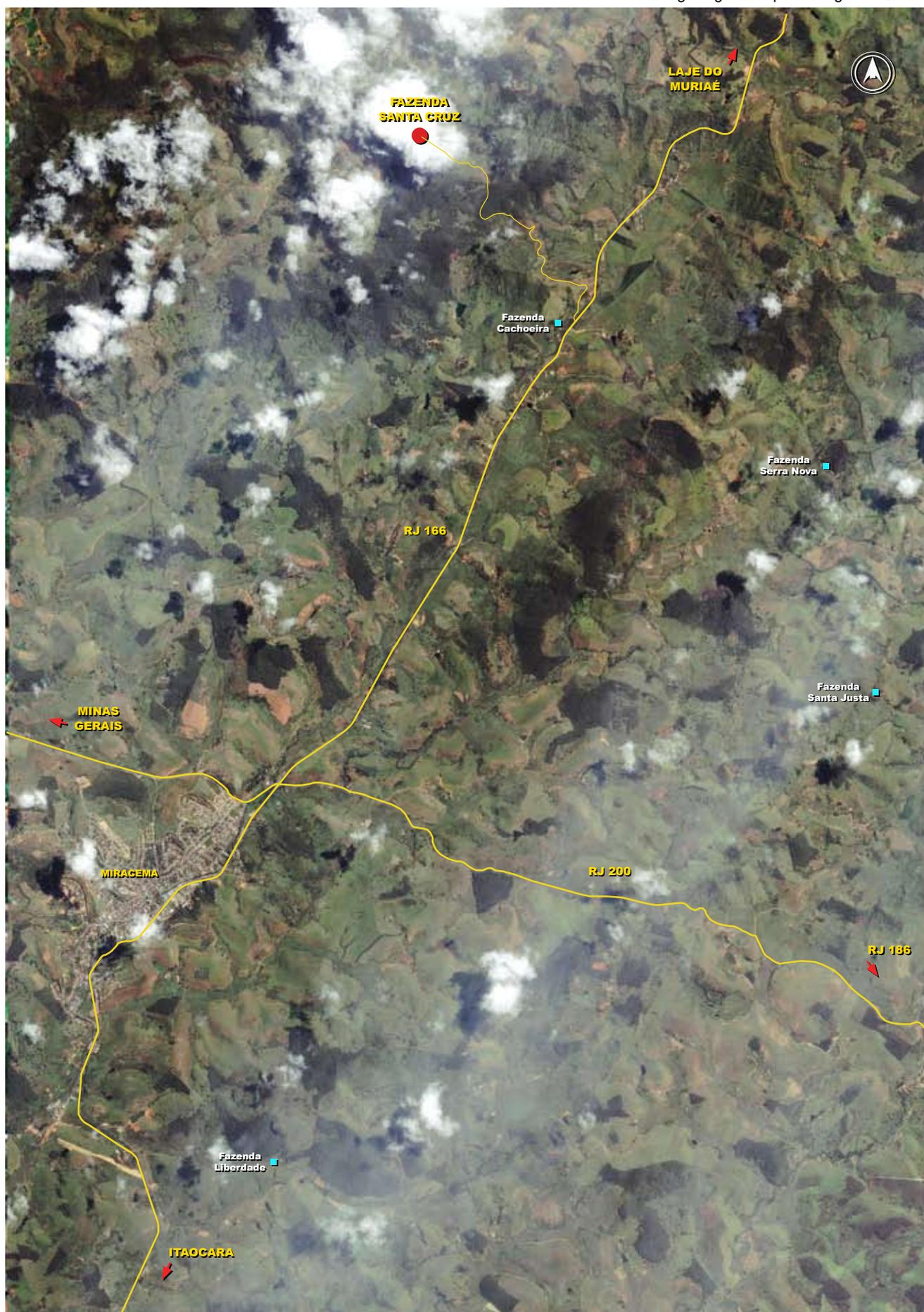
fonte: IBGE - Miracema



Fazenda Santa Cruz, fachada principal

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino / mar-abr 2009**
equipe **Vitor Caveari Lage (levantamento de campo / digitação), Jean Rabelo Ferreira (Auto Cad), Lia Márcia de Paula Bruno, Pedro Paulo Barros, Vera Lúcia Mota Gonçalves**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação

Esclarecimento: em razão da localização da fazenda apresentar-se encoberta, foi gerada somente a imagem geral da região (situação).

A Fazenda Santa Cruz está localizada na Serra da Ventania (f01). O acesso pode ser feito através de três entradas que partem da RJ-116. O primeiro está situado próximo ao Mulambo's Bar, o segundo no km 8, próximo à Fazenda Cachoeira e o terceiro próximo à divisa com o município de Laje do Muriaé (entrada para a Fazenda Tirol). Há, ainda, um quarto acesso que parte de um entroncamento com a RJ-200, que liga Miracema (RJ) a Palma (MG) – entrada para a Fazenda Boa Vista.

O conjunto, constituído de casa-sede (f02), antiga venda e casa de colono (f03), senzala e tulha (f04), terreiro de café (f05) e curral (f06), está localizado num platô encravado no meio de um vale.



01



02



03



04



05



06

Às margens da estrada que leva à casa-sede, está localizado um grande açude (f07), que abastece a fazenda e que, outrora, movimentava a roda d'água, ainda existente, através de uma banqueta de alvenaria (f08 e f09).



07



08



09

A casa-sede da Fazenda Santa Cruz, construída na segunda metade do século XIX, de planta retangular, mantém em sua fachada principal um alpendre, através do qual chega-se à porta de entrada (f10). O alpendre, um dos elementos que caracteriza o estilo romântico da edificação, é formado por três arcos plenos vedados acima das vergas por treliças em madeira. O beiral encachorrado é forrado com madeira e embeleza muito a edificação (f11), que possui ainda, jardim protegido por muro de alvenaria, cujo acesso é feito através de um pequeno portão de ferro forjado (f12). O telhado, com quatro águas e de interessante resolução arquitetônica em estilo chalé, foi refeito recentemente. As telhas originais que deveriam ser do modelo capa e canal foram substituídas por telhas de cerâmica do tipo paulista (f13).



10



11



12



13

As janelas da fachada principal e das laterais possuem vergas e sobrevergas retas, sendo vedadas por esquadrias de duas folhas de venezianas de madeira (f14). Internamente, deveriam manter esquadrias de duas folhas lisas ou em caixilhos de vidro, provavelmente, retiradas em alguma das reformas executadas pelos proprietários. As portas internas, em duas folhas, são almofadadas com bandeiras de vidro (f15).

As três salas e os três quartos possuem um rodapé alto, que funciona também como elemento decorativo e funcional, protegendo as paredes dos esfregões do passado (f16).

O forro da saleta de entrada é especial dentro da construção. É de madeira, formando raios que se estreitam na parte central e alargam-se nas extremidades, concentrando-se no ponto focal de luz, que é terminado por uma manga simples em vidro. Arremata este forro uma cimalha de madeira que circunda toda a sala (f17). Os demais cômodos também são forrados em madeira, porém, no tradicional forro saia e camisa (f18). O assoalho, também de madeira, é do tipo trespassado (f19).

A cozinha apresenta piso cimentado queimado e o banheiro, piso cerâmico recente (f20 e f21). Na cozinha, há uma pequena escada em caracol (f22), por onde se acessa o sótão que é habitável e possui assoalho de madeira em quase toda extensão (f23).



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23

Destacam-se as seis pequenas janelas de venezianas em formato de ogivas (f24) para sua ventilação, a escada de madeira que complementa a escada em caracol (f25) e o grande trinco de madeira da porta dobrável que fecha o sótão (f26). O porão, que também é habitável, possui acesso pela fachada lateral esquerda (f27). O bloco da senzala / tulha é uma construção de planta retangular (f28), separada da casa-sede por uma área de terra sem pavimentação (f29). O acesso à porta principal é feito por uma pequena escada de pedra. Nessa parte da propriedade, também há um muro de pedra que faz a contenção do terreno (f30). Possui telhado de quatro águas, coberto com telhas de cerâmica do tipo capa e canal até o beiral (f31) e suas portas e janelas são de duas folhas maciças enrelhadas (f32 e f33). Seu interior possui um cômodo central, circundado por um largo corredor, originalmente protegido com meia parede, posteriormente complementada com telhas de amianto em toda sua extensão (f34). No porão, deveriam funcionar os moinhos da fazenda, uma vez que lá estão localizadas partes das engrenagens que movimentavam a roda d'água (f35).



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35

A fachada lateral esquerda da tulha possui uma porta, que dá para o antigo terreiro de café. Segundo informações da família dos proprietários, no cômodo para o qual a porta se abre, funcionava a primitiva venda da fazenda (ver f31). O terreiro é todo contornado por mureta abaulada, coberta de massa (f36). A entrada é ladeada por dois blocos de pedra esculpidos, que dão idéia de terem sido as bases de antigas colunas (f37) e aparentam ser, juntamente com um terceiro bloco isolado de pedra trabalhada (f38), próximo ao curral, elementos decorativos desta área de secagem de grãos.

Ao lado da casa-sede está localizada uma construção, também de planta retangular, na qual, nas três primeiras portas, funcionou a segunda venda da fazenda (f39), que preserva seus equipamentos, como o balcão, o baú para depósito de cereais e a balança de ferro fundido com pratos de cobre, que merece destaque (f40 e f41). Logo em seguida está a casa do colono, ambas do século XIX.

A balança de pesar gado fica próxima à casa-sede e foi construída sobre um resistente muro de pedra que faz a contenção do terreno – e que confere mais beleza ao conjunto (f42).



36



37



38



39



40



41



42

Apresentemente, o estado de conservação da casa-sede é razoável, mas requer cuidados. Com a substituição da cobertura por telhas novas, não há sinais de goteiras. Em apenas um dos cômodos foi verificado sinal de infiltração, provocado, provavelmente, por telhas quebradas (f43). Foi observado, também, o deslocamento do emboço (interna e externamente), em virtude da umidade em conjunto à aplicação de argamassa de cimento em paredes de pau-a-pique (f44 e f45).

No porão, a situação é um pouco mais grave, uma vez que dois dos esteios que sustentam os baldrames foram removidos, em virtude de terem apodrecido e, em seu lugar, foram instaladas escoras provisórias de eucalipto. Além disso, há forte presença de umidade nas paredes, proveniente do terreno (f46 e f47). Foi verificada também a existência de ataque por xilófagos da espécie cupim de solo, que provocaram a deterioração de parte de alguns barrotes. A infestação é mais percebida no porão, no sótão e no assoalho. Entretanto, assim mesmo, não se apresenta de forma generalizada.

Na área externa, parte do emboço das fachadas laterais está se desprendendo, proporcionando a exposição das paredes de pau-a-pique (f48).

No prédio onde funcionaram as antigas senzala e tulha, além da primitiva venda, a situação é um pouco mais grave, pois parte do madeirame do telhado, porão e assoalho está bastante deteriorada, como resultado da ação de cupins (f49). Contudo, as cumeeiras, tesouras e terças aparentam estar em bom estado (f50). Foram notadas, também, algumas goteiras provocadas por telhas quebradas. Portas e janelas encontram-se conservadas.

A venda e a casa de colono estão em bom estado de conservação, tendo sido observada a execução de obra recente de manutenção do telhado (f51).



43



44



45



46



47



48



49

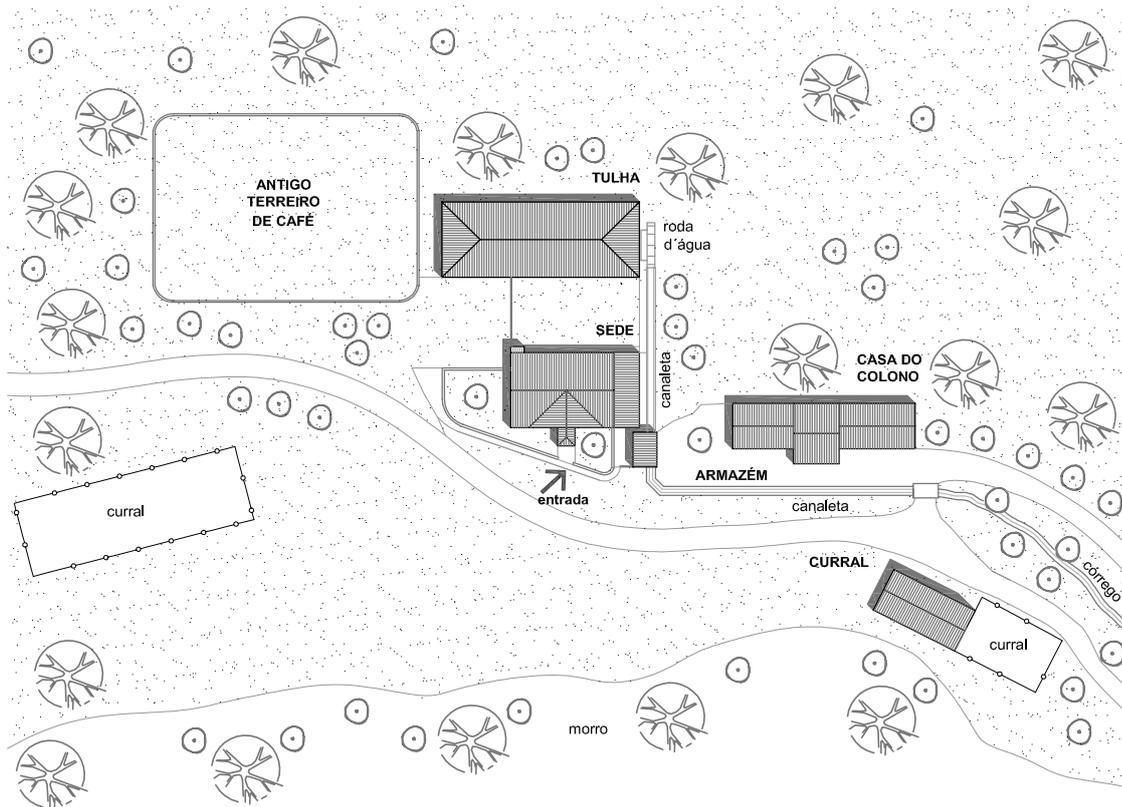


50



51

FAZENDA SANTA CRUZ



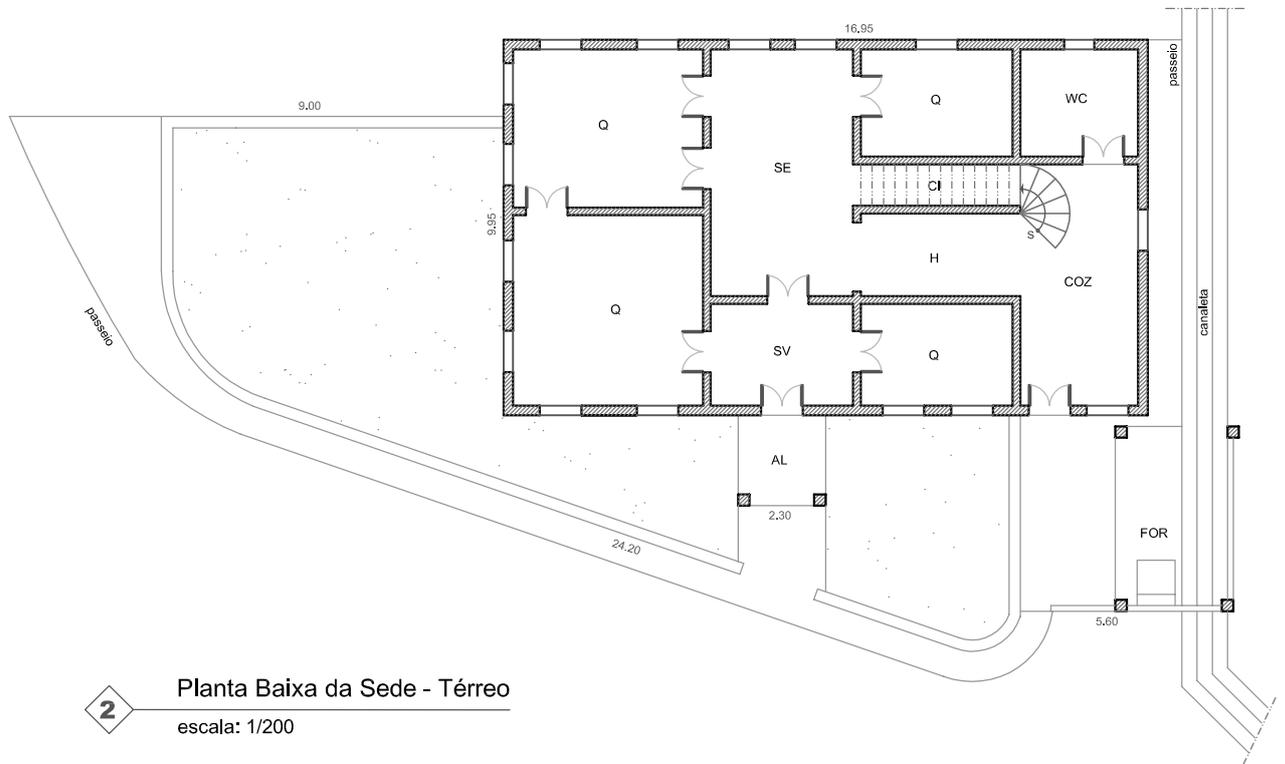
1

Implantação

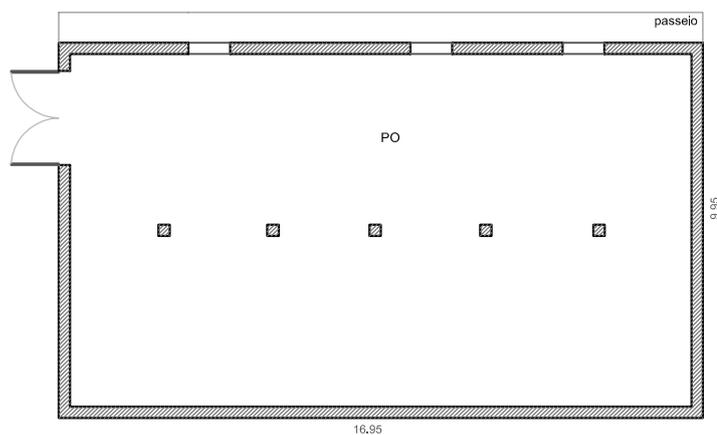
escala: 1/1000



FAZENDA SANTA CRUZ



2 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/200

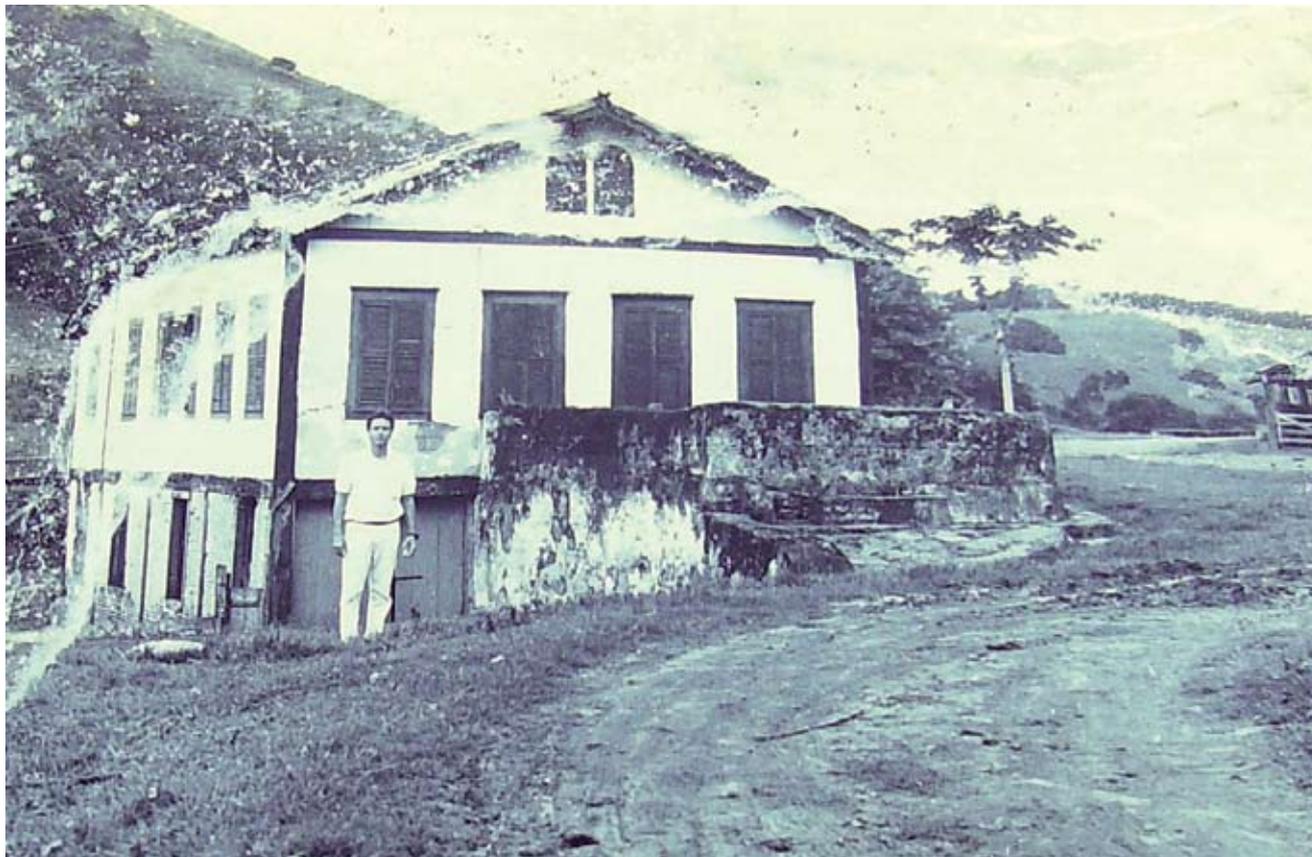


ALP - alpendre COZ - cozinha H - hall Q - quarto SV - sala de visita
CI - circulação FOR - forno PO - porão SE - sala de estar WC - banheiro

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

Não foi possível identificar quem foram os pioneiros da Fazenda Santa Cruz (f52). Entretanto, sabe-se que, no segundo quartel do século XIX, foi adquirida pelos irmãos Léon, Louis e Vicente Perissé, acompanhados da irmã caçula Adelaide. A família – franceses de Lucq-de-Béarn, nos Baixos Pirineus –, segundo Ausônia Perlingeiro Garnero em seu livro *A volta do emigrante italiano muitos anos depois*, ainda mantém lá, até hoje, a casa ancestral para hospedar os descendentes dos que imigraram para o Brasil, quando visitam a Europa.

Adelaide trabalhava para os irmãos e administrava a casa-sede da fazenda. Quando se casou com o português José Alves Rodrigues, os irmãos deram como dote a Fazenda da Lagoa.



f52: Fazenda Santa Cruz, s.a., s.d., acervo do proprietário.

Ainda segundo Ausônia, a casa dos irmãos Perissé ficava numa colina de onde se apreciava as lavouras de café e a estrada pela qual vinham os visitantes. *“Da varanda podia-se ver o pátio, o terreiro, o armazém, a padaria, o moinho e a comprida senzala. Os músicos da banda que animava a festa, os padeiros e o moleiro tinham o privilégio de morar em pequenas casas com suas famílias e não na humilhante senzala. Santa Cruz parecia uma pequena aldeia movimentada pelos fregueses, que vinham comprar na venda ou na farmácia, ou trocar milho por fubá no romântico moinho à margem do riacho.”*

Adelaide era avó de Ausônia. Sua mãe, Adelina, lhe contava sobre a Fazenda Santa Cruz, sobretudo, das festas de São João que lá eram realizadas anualmente. Os dias que antecediam a festa eram de grande movimentação, sobretudo de negros que limpavam o terreiro para as danças do caxambu – também conhecida por jongo. Essa é uma dança de roda, de origem africana, em cujo centro há uma pessoa que puxa o canto e comanda a dança e a batida dos atabaques que possuem nomes específicos como o “tambu” e o “caxambu”, além da “cuíca” que, com seu “roncado”, caracteriza a diferença entre as batidas utilizadas em cerimônias religiosas, popularmente conhecidas por macumba –, e outros que preparavam a fogueira, montavam barracas etc. As festas duravam dois ou três dias, porque os convidados vinham de longe e, como a fazenda ficava localizada numa área de difícil acesso, muito alta, não podiam voltar no mesmo dia para suas casas.

Ausônia, através de sua obra, nos dá uma idéia muito nítida, rica em detalhes, de como eram essas festas: *“Nessa ocasião, os negros recebiam um tratamento melhor: a ração era mais farta. De manhã recebiam o alimento, depois iam para o eito trabalhar sem parar até a hora do almoço e depois voltavam para o trabalho. Ninguém se interessava em saber se estavam bem. Os patrões, com a consciência entorpecida pelo egoísmo, acreditavam que preto não adoce nunca, nem tem dor de dente ou de cabeça. Se não queria trabalhar era preguiça, precisava ser castigado. Essa era a mentalidade normal, mas existiam patrões cruéis que puniam*

amarrando os escravos no tronco, onde eram chicoteados até sangrar. Circulavam histórias de crueldade que ninguém sabia com certeza se eram verdadeiras. Começavam a chegar os convidados, a cavalo, em carro de bois ou carroças, não tão cômodas como as dos fazendeiros do sul do Estado do Rio, importadas da Europa e utilizadas para frequentar a corte imperial. Os homens trajavam casaca ou smoking e as senhoras usavam vestidos longos, sobre anquinhos e diversas saias brancas engomadas; trajes a rigor, adquiridos nas melhores lojas do Rio de Janeiro, trazidas por negociantes. Mas aquela elegância européia não condizia com o clima tropical nem com os meios de transporte locais, cavalos e carros de boi. Porque era chique e também para amenizar o calor, as senhoras traziam lindos leques, para usar no intervalo das danças. Os fazendeiros iam até ao pé da escada receber os convidados e os acompanhavam até dentro da casa, onde as mucamas atendiam às senhoras que desejavam trocar de roupas e tomar banho. Outros domésticos, todos negros, serviam bebidas e ajudavam a organizar o banquete. A orquestra tocava valsa, mazurca, polca, marcha, quadrilha marcada num francês com forte sotaque português: “Allan van tour, changer des dames...” Um pouco à parte, um grupo de homens discutia negócios, comércio, política... Grupos se formavam junto as barraquinhas, comendo os doces típicos, pé-de-moleque, cocada, feitos pelas escravas. Depois dos fogos de artifício que as senhoras e os senhores admiravam das varandas, restavam as brasas das fogueiras, onde assavam batatas doces para serem distribuídas a todos”.

Terminada a festa na manhã do dia seguinte, os que moravam na região iam para suas casas e os mais distantes iam descansar, para se prepararem para a volta.

Ausônia ainda relata em suas memórias que, quando eclodiu a abolição da escravidão, na Fazenda Santa Cruz os Perissé “... reuniram os escravos, a banda de música tocou o Hino da Independência e em seguida deram a notícia: *“A Princesa Isabel assinou a lei, declarando livres todos os escravos. Foi abolida a escravidão”*. O anúncio foi recebido com euforia, todos cantavam e dançavam. Ninguém quis dormir na senzala, que era o símbolo do sofrimento e da humilhação: eram livres agora. Na manhã seguinte, o terreiro estava vazio e nos terrenos próximos e nas colinas havia um movimento desusado, homens e mulheres com ferramentas nas costas. Eram os negros livres carregando madeira, água para misturar barro, tudo que encontravam, para construir suas cabanas, suas casas, onde reuniram a família”. Eram comuns também na Santa Cruz, os encontros de Folias de Reis, onde segundo Amílcar Rodrigues Perlingeiro em *Lavradores do Brasil – história do João*, todos os anos havia um desafio entre as folias de Domingos Meira Leão e a do Foguinho, que era bem concorrido, atraindo gente de todo lado. Mais adiante, antes de falar sobre o evento, fez uma descrição da fazenda: *“Quando chegaram a Santa Cruz, já havia muita gente na fazenda, mas as folias ainda não haviam chegado. Santa Cruz era uma propriedade que tinha muitos donos, mas todos de uma só família, os Perissés, todos moravam reunidos em casas próximas umas das outras. Além das casas de morada, havia a casa da venda do seu Manoel Duarte, casado com uma da família, uma casa da máquina de beneficiamento de café, que era movimentada por uma grande roda hidráulica e casas de empregados. Era um pequeno arraial.”*

Outro registro importante que merece destaque é o fato de terem saído da Fazenda Santa Cruz para colecionadores franceses e de institutos de pesquisa da Europa exemplares de nossa flora e fauna, que segundo Melchíades Cardoso, em sua lenda intitulada *“De bicudos que não são bicudos se faz a história”*, *“... exemplares de borboletas e orquídeas que abundavam nestas paragens, incomparáveis por suas belezas caprichosas, as peles, os bichos embalsamados, os cipós raros, plantas exóticas etc., tudo foi daqui retirado e enviado para a França, por intermédio de cidadãos franceses aqui residentes todos para aqui atraídos pela família Perissé, notável gente gaulesa que deixou, além da lembrança e numerosa e querida descendência, os princípios altos da civilização requintada do inigualável povo francês.”*

Dessas coleções de lepidópteros (borboletas) (f53 e f54), três ficaram na Fazenda Santa Cruz, que posteriormente foi vendida ao Sr. Lourenço Pinto Alves. Na partilha dos bens, os três quadros restantes com as coleções de borboletas da Santa Cruz foram entregues às suas filhas que os conservam até hoje e que já devem ultrapassar cento e cinqüenta anos.

Depois da família Perissé, a Fazenda Santa Cruz, que possuía 210 alqueires de terras, foi vendida para os senhores Lourenço Pinto Alves, que ficou com a casa-sede e grande parte das benfeitorias, com uma área de 105 alqueires de terras e ao Sr. Luiz Mury, também com 105 alqueires de terras.

A Sra. Maria de Lourdes Alves Anníbal, filha do Sr. Lourenço e casada com o professor Darcy Anníbal, informou que ela e todos os irmãos nasceram na Santa Cruz e que só eram registrados dois ou três meses depois, quando o pai vinha a Miracema, já que a distância era grande e os únicos meios de transporte eram o cavalo e as carroças, e a estrada, que era de difícil acesso, fazia com que a viagem levasse cerca de três horas para a ida e mais três horas para a volta. Quando os negócios tinham que ser resolvidos em São Fidélis – município ao qual Santo Antônio de Pádua esteve ligado até 1883 –, ou precisavam de documentos arquivados nos cartórios de lá, a viagem era ainda pior e durava dois dias.

Todo o café era transportado em lombo de burros. A tropa era do Sr. Nino Machado, irmão de D. Noêmia, esposa do Sr. Lourenço.

Amílcar R. Perlingeiro fez o seguinte relato em sua obra aqui já mencionada: *“... Nino Machado, o tropeiro, dava pancadas na cangalha, gritando... Depois do café, Nino carregava a tropa com o auxílio do ajudante e*

de João, colocando dois sacos em cada burro. Terminado o carregamento, seguia a tropa morro abaixo aos gritos do tropeiro. O café era deixado na máquina de beneficiamento e, depois de preparado, a mesma tropa o levava para o embarque na estação da estrada de ferro. A viagem da tropa repetia-se durante o ano até terminar o transporte de toda a safra”.



f53: Coleções de lepidópteros (borboletas) da Fazenda Santa Cruz, s.a., s.d., acervo do proprietário.



f54: Coleções de lepidópteros (borboletas) da Fazenda Santa Cruz, s.a., s.d., acervo do proprietário.

José Erasmo Tostes, em seu livro *Tipos e fatos inesquecíveis*, também registra e descreve o trabalho do tropeiro Nino Machado: *“Chovia torrencialmente na Serra da Ventania, os burros e mulas desciam pela estrada escorregadia. Nino Machado vinha montado num burro chamado Rosado, comandando os dois lotes de animais carregados de café, que era colocado em bolsas de couro penduradas nas cangalhas. A madrinha da tropa, a mula Esperança, vinha guiando-a com a batida de doze cincerros pendurados no pescoço, que no silêncio da serra ouvia-se à grande distância. O café, aqui chegando, era entregue ao comprador que pagasse melhor preço, ou ia direto para o DNC – Departamento Nacional do Café, onde era ensacado, pesado e transportado por meio de escadas formando pilhas enormes. No DNC viam-se vários homens trabalhando na lavagem do café, que corria em calhas feitas no terreiro e a água escoava através de um ralo feito de chapa de ferro. Na secagem, o café era esparramado no terreirão com grandes rodos de madeira. Após essa preparação, o café ia para a estação da Leopoldina por meio de carroças e carroções e aí embarcado nos vagões do trem. O café trouxe riqueza para Miracema, para os fazendeiros e para os comerciantes e fez com que se construísse muitos prédios em nossa cidade. Depois veio a derrocada, levando vários deles à falência. O presidente Getúlio Vargas mandou que em todos os DNC’s se fizesse a queima do café e guardas armados tomavam conta para que se cumprisse a ordem dada. Na volta para a Fazenda Santa Cruz, na Serra da Ventania, a tropa do Nino Machado ia carregada com mercadorias para abastecer a venda: sal grosso, fumo de rolo, querosene etc.”*

Ainda contou-nos o professor Darcy Anníbal e sua esposa, Maria de Lourdes, que seu pai dizia que o porão da casa-sede era utilizado pelos franceses como adega e que, quando o Sr. Lourenço adquiriu a fazenda, ainda encontrou muitas garrafas de vinho, móveis, os quadros com as coleções de borboletas, uma tela retratando um senhor, que atribuem ser o pai dos franceses, antigos proprietários da fazenda, muitos livros, fotografias, papéis antigos e objetos diversos.

Disseram ainda que, no entrocamento das estradas, havia uma pedra com formato estranho, que para alguns parecia uma cabeça humana e para outros uma cabeça de lagartixa. O fato é que esta pedra, posteriormente removida para o local onde hoje se encontra, instalada a balança de pesagem de gado bovino, era o tronco da fazenda onde os escravos eram amarrados e castigados. Que na fazenda havia uma capela dedicada a São Sebastião, posteriormente demolida, e uma grandiosa festa era realizada, anualmente em sua devoção, com missa, leilão, baile, etc. Uma vez por ano também havia primeira comunhão dos alunos da escola.

A fazenda possuía uma escola e a professora era D. Maria do Carmo, a irmã mais velha dos “Pinto Alves” que, mais tarde, por influência da mãe, D. Noêmia Machado Alves, estudou e deu aulas de piano. Anos depois, fundou o Conservatório de Música que, mesmo após o seu falecimento, continua em atividade em Miracema.

Consta que, no ribeirão (f55) que banha a propriedade, era retirado ouro com aluvião e jóias chegaram a ser confeccionadas, algumas das quais ainda permanecem em poder da família. Contou-nos ainda que a estrada que liga a Santa Cruz a Fazenda Ventania foi feita na enxada, na época em que Altivo Linhares era prefeito de Miracema. Grande parte das terras que formavam a Santa Cruz ainda permanece em poder da família. O Sr. Carlos Pinto Alves e sua esposa, D. Clarita Mendonça Alves, adquiriram algumas partes dos demais herdeiros. Atualmente, a fazenda, que produz gado leiteiro, é administrada por sua filha Alice Maria Mendonça Alves Daher e seu esposo, Dr. Chaquip Daher Júnior



55

Fontes

GARNERO, Ausônia Perlingeiro. A volta do imigrante Italiano muitos anos depois. Niterói - RJ: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
TOSTES, José Erasmo. Tipos e fatos inesquecíveis. Miracema – RJ: Gráfica Hoffman, 2008.
PERLINGEIRO, Amílcar Rodrigues. Lavradores do Brasil – história do João . Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

